



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A Mosquinha morta

Por ISOLDINA

E QUANTO as irmãs, sempre irrequietas, de um lado para outro, faziam uma zoadá ensurdecedora, aquela indolente era capaz de estar horas e horas no mesmo sítio, esfregando as patitas, unicamente porque tinha amor à vida, pois, se o não fizesse, ali ficaria colada pelo líquido que segregam as suas pernitãs, (como os meninos devem saber) e sem o qual não poderiam segurar-se nos vidros, de cabeça para baixo.

O papá moscardo dizia para esposa, a D. Mósca Parda, muitas vezes, desconsolado:

— Não sei porque nos saíu assim, esta filha... Tu, minha querida, foste sempre tão activa, tão alegre... Eu, então! nem se fala. Tu bem sabes; nunca pude ver uma careca sem lhe dar uma ferroada, ou um pescoço carnudo, já se vê. As partidas que nós fazíamos! Mas, o que lá vai, lá vai, enfim... Esta pelerminha, então, nem que veja cair um torrão de açúcar ou pingo de mel, próximo dela!... Olha, se é capaz de se mexer para o sugar? Isso!...

Isto era verdade. A mãe encolhia as asas, desanimada e não protestava. Bem via que era bem merecida a alcunha de Mosquinha Morta, com que mirosearam o seu querido rebento as azougadas companheiras.

Chegara a época de mudar de ares, e os pais da mosquinha Morta, resolveram ir para as termas com algumas famílias amigas.



— «Talvez, com as relações novas, ela se fizesse mais espartinha!... pensavam os pobres pais.

Quando tal soube, a preguiçosa franziu a boca num bocejo desdenhoso:

— «Que maçada! Mas, — (disse depois de pensar um pouco) — como é estância de repouso...»

O pior era o meio de transporte.

De automóvel não podia ser; a velocidade fazia-a estertecer e, ainda por cima, aquele horrível cheiro a gasolina ou óleo queimado... Deus as livrasse!... De avião, nem pensar nisso. Chegariam lá feitas em cisco, se é que se não evaporariam pelo caminho as minúsculas partículas dos seus corpos. Nada, nada!... Em carro de cavalos? Lá estava o chicote sempre vigilante. O melhor de todos os transportes, ainda era (embora menos aparatoso) o burrico do Zé Moiteiro.

Instalar-se-iam o mais comodamente possível e do ramito de salgueiro com que ele tocava o burro, elas se livrariam bem. Aqui principiam os tormentos da Mosquinha morta.

(Continua na página 8)



Hora de Recreio

Número 16
2.º CAMPIONATO

Secção Charadística

5 AGOSTO
1 9 3 7

P A L A V R A S C R U Z A D A S

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
1	M	A	L					T	A	L	O	
2	A	I	A	C		N		E	R			
3	S	A	N	O		A		S	O	A	S	
4			T	A		C	A					
5		S	O	A	R	O					S	
6				P	A						C	
7				A	Z						L	
8	R	E	S	O	A		D	A	D	I	V	A
9	A	D	A		D			A	L	A	R	
10	M	E	L		O			L	U	M	A	
11	A	M	A					I	D	O	S	
12	L	A	S	S	O		A	T	A	I	S	

Maridália

Horizontais:

1 — Doença; caule. 2 — Ama; consoante; o amor. 3 — Forma abreviada de Santo; vogal; vogal; ecoas. 4 — Tua; aqui; vogal. 5 — Trovejar; ombros; consoante. 6 — Inteligência; nomeada; consoante. 7 — Carta de jogar; outra coisa; consoante. 8 — Entoa; presente. 9 — Nome de mulher; consoante; vogal; puxar. 10 — Docura; vogal; consoante; Lus. 11 — Senhora; o dia 15 de Março, Maio, Julho e Outubro, e o 13 dos outros meses (entre os antigos romanos). 12 — Desapertado; pundeis.

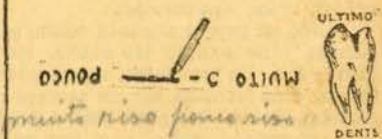
Verticais:

1 — Porém; ramificação. 2 — Ama; consoante; vogal; inchação. 3 — Forma de Lá; vogal; consoante; salvas ou bandejas de metal. 4 — Tua; garra; consoante. 5 — Filtrar; próprio; vogal. 6 — Bocado; mulheres formosas; vogal. 7 — Tumor (invertido); flanco; consoante. 8 — Forma de tez; vogal; consoante; vogal; flôr. 9 — Anel; consoante; vogal; enganal. 10 — Elogio; andamos. 11 — Dificuldades; clareiras.

N. B. — Não preencher os espaços numerados.

ENIGMA PITORESCO

8 —



Renato R. Paulo

ANOTAÇÃO AO NUMERO ANTERIOR

O ponto n.º 2 de «Far» deve ler-se: Era cilíndrica a proprietária da granja. — 3-2.

CORRESPONDÊNCIA

Nélito Arita — Fazemos o que pede. De futuro não mande mais que uma charada em cada papel. Assim o determina o Regulamento.

Bonina — Não aceitamos as decifrações isoladamente umas das outras. Deve mencioná-las numa só lista referente a cada número.

José António Batista, Mário F. B. Ripado, Tino, Leão Negro e Henrique Paula de Matos — Não satisfaz a maneira como enviaram os vossos trabalhos. Já por mais de uma dezena de vezes dissemos que cada trabalho deve vir isolado de qualquer outro, devidamente assinado e com as demais indicações estabelecidas no Regulamento. De contrário, não poderemos publicá-los.

Toda a correspondência relativa a esta secção, deve ser endereçada a: Américo Taborda — «Pim-Pam-Pum» — Rua do Século, 63 — LISBOA.

CHARADA NOVÍSSIMA

1 — O «rodador» ao passar na lagoa ficou na prisão. — 2-2.

Marmelo Verde

SINCOPADAS

alcova - aiva

2 — Ainda estava no quarto de dormir quando começou a aparecer a primeira claridade do dia. — 3-2.

Manecas & Tonecas

3 — A apreensão foi inteira. — 3-2.

Mapereira

Lucas - Lucas

4 — Foi necessário estar bem seguro para não tentar fugir. — 3-2.

Maria do Ar

ELÉCTRICA

5 — Auxiliem esta cidade africana. — 3.

Mário F. B. Ripado

COMBINADAS

Nora — 1 + te = Ponto cardinal
ber — 1 + ta = Nome de mulher
to — 1 + lo = Vaidoso.

Conceito: Nome de homem.

Lucas

na 7 — 1 + pa = Pai
na — 1 + pa = Come
gai — 1 + ta = Pijaro
go — 1 + co = Vão

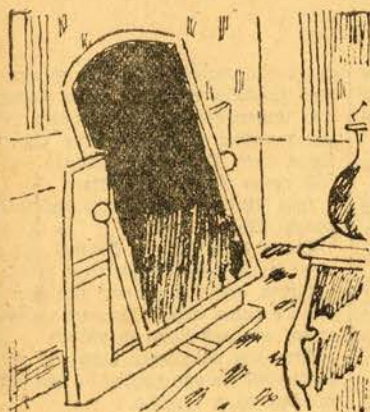
Conceito: Ave trepadora.

Maridália

COISAS do DESTINO

Por FELIZ VENTURA
Desenhos de A. CASTAÑÉ

Ao António Gomes Machado, grande amigo do «Pim-Pum-Pum»

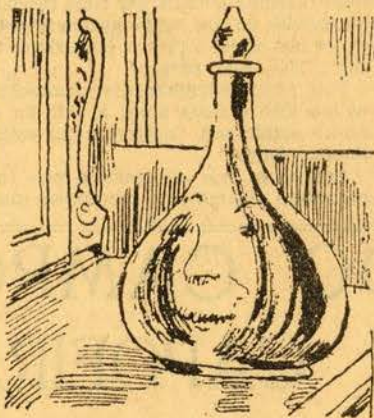


Certo espelho de vestir, muito tolo, presumido, andava, nessa manhã, de mau modo aborrecido e mostrou cara tão feia, tão feia, tão carrancuda, tão cheia de soberbia, que até, do lado, na mesa, uma garrafa bojuda, disse com delicadeza: — «Que tem Vossa Senhoria?»

E êle, todo empertigado, respondeu em tom zangado: — «Quem foi que lhe deu licença para assim me vir falar? Esteja aí bem sossegada não me venha incomodar, que, enfim, êste meu lugar é ao vosso superior e nem mesmo posso dar a todos muita atenção, porque a vossa posição é baixa, não tem valor.

Ora, um pequenino espelho, que era tido como esperto, e que em silêncio isto ouvira, disse — abafando um risinho para os presentes: — «Decerto que o amigo é muito grande e nós somos pequeninos, todavia pode ser que precisão possa ter destes colegas mesquinhos.»

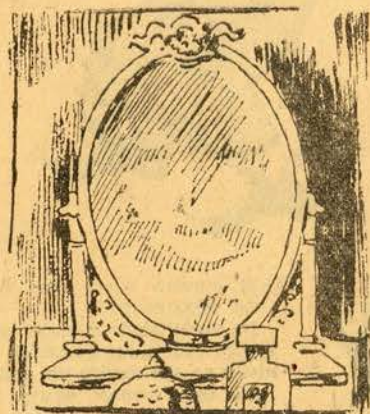
— «Colegas? Mas que ousadia! oh, que tão parva resposta!» disse o outro esfurecido com a face descomposta. E depois, mais sossegado, tornou em ar escarninho: — «Queres-te a mim comparar? coitado! Ao menos eu tenho



êste orgulho de dizer que me veem procurar, só em mim podem saber se são bonitos ou feios, se estão mal ou bem vestidos, se podem aparecer sem o riso irem causar.

Agora tu, tão pequeno, quem em ti se vai mirar? estás tão abandonado! Nem o pó te vão tirar...

Ficaram, aqui, os ditos, acabou-se a discussão: sem se saber qual dos dois é que teria razão.



Ora, passados uns tempos, o brilho do grande espelho, começou a escurecer, a ponto de nem se ver quem nêle se ia mirar.

Entretanto, estão a ver... O espelhinho abandonado foi depressa utilizado e sem perda colocado no lugar do outro espelho, o qual por já ser mui velho, sem para nada prestar, foi para as águas furtadas um dos cantos habitar.

Eis aqui, neste continho, o que acontece na vida. A modéstia triunfante E a soberbia vencida.

F

I

M

LÊR NA 6.ª PAGINA:

O NOSSO CONCURSO
Grandes de Portugal



A ESPERTEZA DO ASTRÓLOGO

POR LEONOR DE CAMPOS

seu senhor ou daqueles por quem o senhor se interessava. Em paga do trabalho o astrólogo recebia cama, comida e uma esplêndida remuneração.

Vocês supõem talvez que, com tantas conveniências, o lugar era disputado. Sim: comer bons acespipes, dormir numa cama muito fofinha e ainda, por cima receber belas moedas de ouro, tendo apenas o trabalho de ler nos astros o futuro, era vida de regalar... Não lhes parece?

Pois estão redondamente enganados. Só os que não tinham amor à vida ou eram muito ambiciosos, desejavam tal emprego. Sabem porquê?

Porque os reis e príncipes não faziam cerimónia alguma para mandarem matar o

desgraçado astrólogo, se ele se enganava ou lhes predizia qualquer coisa desagradável.

O imperador romano Tibério, por exemplo, mandou deitar ao mar alguns astrólogos, sem lhes pedir licença.

E como ele, tantos outros...

Isto vinha a propósito da minha história. Ela aí vai...

O rei Luís XI de França era um homem aguerrido, despótico e cruel.

Tinha, como a maioria dos seus antecessores e como depois tiveram os seus sucessores, um astrólogo privativo.

Ora este astrólogo, além de ser competentíssimo na sua profissão, era um homem inteligente e esperto.

(Continua na página 8)

VOCES querem saber uma história verdadeira?
Na antiguidade, a maior parte dos reis e dos príncipes tinham ao seu serviço um astrólogo. Este homem estava incumbido de ler nos astros o destino do

GALINHA DO CAMPO NÃO QUERE CAPOEIRA

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

ESTAVA a Clarinha no jardim da sua casa, no Estoril, quando viu uma pequena cigana a correr na estrada, para onde dava o portão: — «Patusco, O' Patusco!...» — chamava ela.

Ao vêr a menina, parou e perguntou: — «Não viu, por aí, o meu cão?»

— «Aquele que ontem fez habilidades na tua companhia?» — indagou a Clarinha.

— «Ah, a menina já nos viu trabalhar? Que tal achou a minha dança? Sou ou não sou uma catita a fazer piruétas?»

Clarinha sorriu, divertida e abriu-lhe o portão para ela entrar.

— «Gostei muito de te vêr. Como aprendeste tu essas danças tão bonitas?»

— «Ora!... apanhando muita pancada, já se vê!»

Clarinha olhou-a com os olhos rasos de lágrimas.

A outra indagou admirada: — «Porque está a menina a chorar?!»

— «Coitada! Faz-me muita pena dizeres que te batem.»

— «Se é preciso!...»



— «A mim, nunca ninguém me bateu!»
— «Pudera! A menina nunca aprendeu a dançar. Assim é que se ensina» — tornou a pequena cigana, cheia de convicção.

— «Estás enganada. Eu também aprendo a ler e a escrever, mas se a professora me batesse, fazia logo queixa.»

— «Pois lá na companhia é assim. Apanho eu, mais o urso. E é bem bom o Mariana! Faz logo um-um assim que me vê! Tão meu amigo! Para mim é como família!»

A Clarinha ouvia-a, muito espantada.

— «Tu mexes no urso? Eu, então, até do gato tenho medo! Já me arranhou uma vez!»

Sacudida de riso, a ciganinha troçou: — «A menina precisava viver com nós, para não ser medrosa! Nós dormimos com

HISTORIA DA LARANJA DE OIRO

Por MARIA DOS MILAGRES

Em tempos que já lá vão, num reino de fantasia que um rei, D. Pantaleão, justo e bondoso, regia, um caso triste se dava que ao povo inteiro causava tristeza e desolação.

Era o caso que a princesa Margarida andava fraca, abatida, cheia de funda tristeza e no país, tôda a gente ao vê-la, assim, tão doente, lamentava a princezinha, temendo que ela morresse 'inda antes de ser rainha.

D. Pantaleão, notando que a filha, o seu grande amor, ia aos poucos definhando,



sempre de mal a pior, mandou vir de todo o mundo mágicos e curandeiros de entendimento profundo, alguns sábios, muito velhos e prudentes conselheiros, para que, pelos conselhos que lhes saíssem dos lábios, fôsse descoberta a cura daquêle mal traiçoeiro, que era a constante amargura do rei e do povo inteiro.



P'ra curar a princezinha e conseguir pô-la sã, tudo a ciência tentou: desde uma eficaz mêninha, ao sagrado talismã...

Contudo... ninguém pensou em perguntar, como era bem natural,



à princesa Margarida, se a causa de tanto mal era o faltar-lhe na vida qualquer coisa de que andasse desejava.

E, como ela se calava, a doença... continuava.

Veio um dia, finalmente, em que a princesa doente, ao ver o pai muito aflito, lhe disse assim:

(Continua na página 6)

os animais; comemos com êles, e com êles andamos por êsse mundo a trabalhar.»

— «Lá trabalhar com o urso deve ter graça, agora dormir ao pé dêle!... Que horror! Eu durmo num quarto sôzinha e numa cama com grades.»

As gargalhadas da outra redobraram.

— «Com grades?! Nem o urso! Nós só queremos liberdade!»

— «A mãzinha não me deixa andar só... Há muitos automóveis e os garotos podem atirar-me pedras...»

— «Pedras, a mim?! Era o que faltava!... Eu é que uma vez parti a cabeça a dois que se meteram comigo!...»

A Clarinha já não se sentia muito à vontade, diante dos modos atrevidos da cigainha. De vez em quando olhava, de soslaio, para a janela da casa que dali se via.

— «Estou à espera da Maria, para ela me acompanhar à praia. E' entre o pequeno almoço e o grande, que tomo banho.»

— «Que engraçado! O pequeno e o grande almoço! Nós comemos quando calha e não damos nomes às comidas. Se topamos alguma árvore de fruto, vamos a ela.»

— «Eu também gosto muito de fruta, mas a mãzinha não quer que a coma, senão à sobremesa. Ela subir às árvores, nem pensar nisso! E' feio uma menina marinhar pelos troncos, como se fôsse um macaco!»

A cigana encolheu os ombros, desdenhosa:

— «Os macacos têm muito bom gosto. E' tão bom a gente estar encarrapitada, lá em cima! Então, se a sua mã não a deixa fazer nada, o que faz a menina todo o dia?!»

— «Estudo, brinco com uma data de brinquedos: bonecas, automóveis e combóios com corda...»

— «Um bocado, talvez seja divertido! Mas agora por muito tempo!... Eu antes quero ensinar o Patusco a fazer habilidades. Ele anda por aí...»

E a pequena desatou a assobiar.

Clarinha, disse-lhe a médo: — «Tu não gostavas de viver na minha casa? Eu pedia à mãzinha. Tinhas comida, quarto onde dormir e até podias aprender a lê.»

Atrapalhada com tal proposta, a cigainha não respondeu.

Clarinha teimou: — «Olha que é uma boa idéia, não te parece? Nunca mais terás fome, nem frio.»

Já resoluta, a cigana acudiu: — «Pois eu fico muito agradecida à menina mas não diga nada à sua mã. A minha vida não é aqui. Eu posso lá passar sem o Patusco, sem o urso e sem o macaco! Sem poder dançar, correr e andar em liberdade! Se a menina me dá licença, enquanto estivermos nesta terra, venho aqui dançar, já que gosta... mas trago o Patusco...»

— «Está bem. Podes almoçar todos os

CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



63

Mais um que com mussulmanos
Sempre muito combateu,
Para tornar grande e livre
Portugal, onde nasceu.

Ao lado de Afonso Henriques,
Fez prodígios de pasmar;
Quási desde que nasceu
Até velho se tornar.

Em Alcácer, em Ourique,
Em Santarém e Lisboa
E outras terras, ganhou fama
Que inda hoje mesmo reboa.

Nunca quis ócios amenos,
Nunca quis descanso ter
E morreu muito velhinho
Os mouros a combater.

Sempre andou em viva lida,
Cheio de força e valor,
Por isso na nossa História
E' chamado o *Lidador*



64

Quando foi Sancho segundo
Pelo Papa destronado,
E seu irmão D. Afonso
Em seu lugar coroado,

Houve um homem que não quis
Tal cousa reconhecer
E às ordens do novo rei
Recusou-se a obedecer.

Era alcaide de Coimbra
E não deu o seu castelo.
D. Sancho lho entregará,
Fiel havia de tê-lo.

Só mais tarde o entregou,
Depois de lutar sem mêdo,
Quando soube Sancho morto
E o viu, já frio, em Toledo.

Eis porque assim enfileira
Entre as almas mais eleitas.
Este homem, são e honrado,
Chamou-se



65

Rei de Portugal e espôso
Da linda e infeliz Inês
Que foi morta sem piedade
E que mal a ninguém fez.

Mas vingou-a de tal forma,
Que em tôda a parte deu brado,
Por isso, na nossa História,
Cruel ou Crú é chamado.

E pelas boas medidas
Com que encheu o reino inteiro,
Ao mesmo tempo, também,
Se lhe chama «O Justiceiro».

Quando êle morreu se disse
Com mágoa sem ter igual:
«Dez anos iguais a êstes
Nunca teve Portugal.»

Este rei tão infeliz
Quanto bom e justiceiro,
Era o pai de D. Fernando,
Era *D. Pedro Primeiro*

dias cá em casa e traz o Patusco... e o macaco.»

Agora o urso, livra!» — e a Clarinha fez uma cara de terror, como se já o visse em frente dela,

«Fique descansada, que o urso não vem! Adeuzinho e obrigada!»

Enquanto a Clarinha a seguia com os olhos, sorrindo-lhe com bondade, a pequena cigana correu pela estrada fóra, sempre chamando:

— «Eh! Patusco! Patusco!»

HISTORIA DA LARANJA DE OIRO

(Continuado da página 5)

— «Pai, êste mal exquisito, esta doença ruim que me atinge, é sem remédio; e só aumenta o meu tédio,

tudo o que a ciência finge fazer para me salvar...

Trago comigo o desejo, impossível de cumprir, que é na vida possuir o que há muito em sonhos vejo: a árvore de maravilha, onde brilha

RAINHA SANTA ISABEL

Para os meninos colorirem

Por JOSINO AMAEO

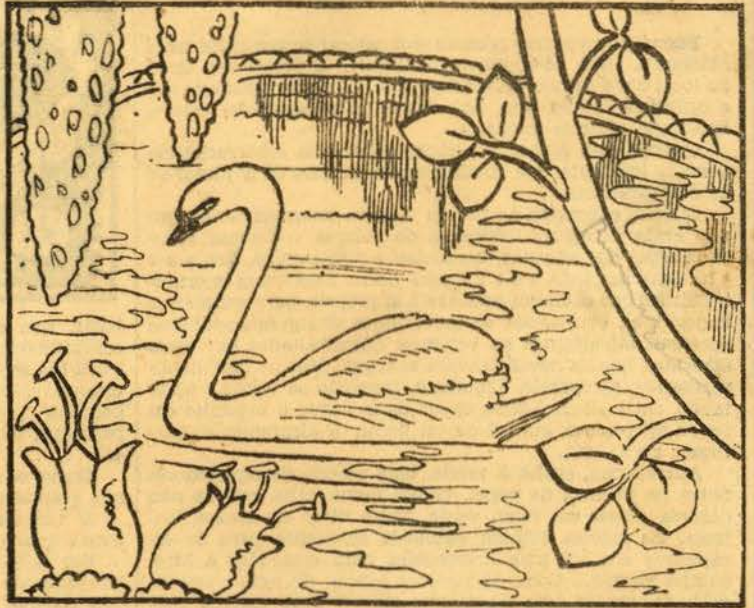
Princesa bela, prendada,
Filha dum rei de Aragão,
Fui rainha, a mais amada,
De quantas teve a Nação.

Meu espôso, um grande rei,
Foi tropeiro e lavrador;
Em tôda a vida semeei
Caridade paz, amor...

Comovendo-me as torturas
Da pobreza, da orfandade,
Fomes, dores, desventuras,
Mitigava com bondade.

Da guerra civil, horrores
Evitei mais duma vez,
Transformei o ouro em flores,
Para o dar à invalidez.

Minha virtude foi tanta,
Tão intenso o seu aroma,
Que o bom povo fêz-me santa
Antes do bispo de Roma!



uma laranja côr de oiro,
tão formosa e rutilante,
como o mais belo brilhante
que guarda no seu tesoiro...

Depois desta confissão,
el-rei D. Pantaleão
mandou logo vir os sábios
e todos os alfarrábios,
para quê, sem mais detença,
se descobrisse a poisada
da tal laranja doirada
que mataria a doença.

Os ilustres sabichões,
em enérgica disputa,
atacam-se numa luta
de opiniões;
cada um diz sua coisa
em atitude exaltada
mas nenhum sabe onde poisa
a laranjinha doirada...

Por conselho de bastantes,
faz-se com belos diamantes
do tesoiro
e muito oiro,
um fruto artificial,
uma laranja fingida,
que à princesa Margarida

cure o mal;
e cujo brilhar é tal,
que ela por pouco não cega,
quando, radiante, pega
na jóia maravilhosa
que há-de ser a sua cura.
— «Mas afinal, — diz chorosa —
não posso comê-la... é dura!»

Como a princesa piorasse,
de novo os sábios reuniram,
discutiram,
âcerca do que a salvasse,
e, por fim, ficou assente
que a princezinha doente,
iria p'lo mundo fóra,
distrair-se e procurar
a laranja salvadora.

E lá foi ela. Partiu.
Correu terras e oceanos,
tudo viu...

Mas, como passassem anos
e a laranja apetecida
continuasse escondida,
a princezinha voltou
ao seu país e... piorou.

Uma tarde, estava ela
mais triste ainda, à janela
do seu quarto, a admirar
o sol-pôsto e a meditar

no seu eterno desgosto,
quando, por acaso, olhou
para uma árvore fronteira,
uma velha laranjeira
que o sol poente abraçava,
em suave despedida...

E a princesa Margarida
viu, de repente, encantada,
surgir, de entre a ramaria
já sombria,
uma laranja doirada!

Ficou boa a princezinha
com a alegria de achar
o que sonhava
e que, afinal, consistia
numa humilde laranjinha,
amarela e redondinha,
que o sol, ao pôr-se, beijava
e doirava...

Na verdade,
a F'licidade
está sempre ao pé da gente;
o difícil é, sòmente,
sabermos quando ela passa,
destacá-la
da desgraça,
e agarrá-la...

A MOSQUINHA MORTA

(Continuado da página 1)

Enquanto as outras procuravam colocar-se nos sítios mais abrigados, entre os saquitos da farinha, a preguiçosa ficou no local onde calhou poisar mas este foi o pior possível: sob o apêndice caudal que, por acaso ou necessidade, estava levantado naquele momento.

Quando este desceu à posição normal, ia esborrachando a môsa indolente, que, muito aborrecida, teve de ir juntar-se às companheiras.

Quando chegaram ao fim da viagem, compreenderam que não eram desejadas. Milhares de colegas voltavam sobre as cabeças dos aqúistas, banhistas e repousantes. Era z z z z t... para um lado, z z z z t para outro. Estalavam enormes bofetadas que cada um aplicava a si próprio, para enxotar as importunas, e ouviam-se os tacóezinhos de algumas senhoras nervosas, impacientes ao verem-se desrespeitadas por essas atrevidas, que as não deixavam sossegar. Mas as ladinhas divertiam-se, escapando, ágilmente, trocando as voltas e apostando, entre si, qual seria capaz de ir ferrar o biquinho em tal ou tal pescoço, em tal ou tal perna. E alegremente, partiram: z z z... zt...

Apareceram, então, à venda, uma espécie de espanadores feitos de fitinhas de papel, presas numa cana, que as não deixava poisar em ramo verde, quero dizer em careca lustrosa. As môsas tinham agilidade suficiente para se escapulir e era até uma brincadeira para elas. Mas a Mosquinha Morta?... Como os meninos sabem, ela, com a sua indolência, nunca saía do mesmo sítio e pela inacção perdera toda a energia e não adquirira agilidade, pelo que não podia resistir àquela fadiga de ter sempre que mudar de



lugar, sem descansar, fadiga que nunca sentiam as suas companheiras. E, assim, quando supunha ter encontrado o seu tão desejado repouso sobre um casaquinho branco de criança, colocado na borda do lago, sente-se sacudida, bruscamente, para a água, de onde nem sequer fez esforços para sair, por sabê-los inúteis.

Como esta mosquinha morta, há muitos meninos que não gostam de se maçar.

E' um tormento para os fazer levantar da cama, para todo e qualquer esforço.

Por falta de exercício e actividade, ficam fraquinhos, incapazes de se defender dos outros e, um dia, já homens, não poderão lutar pela vida, à falta de forças e coragem. Erguei-vos cedo, passeai, trabalhai!

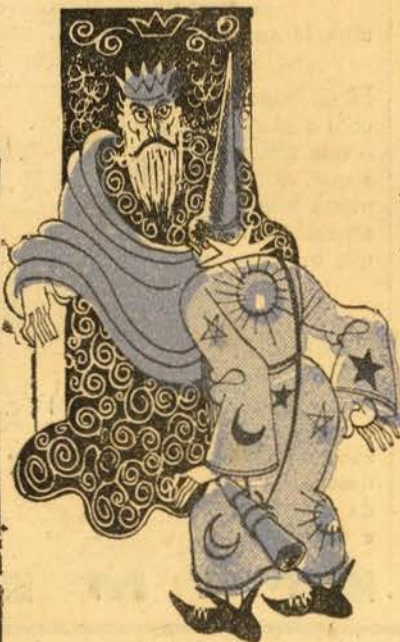
O exercício e a saúde, são a vida, meus meninos!

A ESPERTEZA DO ASTRÓLOGO

(Continuado da página 4)

Certo dia o rei mandou-o chamar e disse-lhe apontando determinada senhora:

— Ouve, sábio. Esta dama é-me querida. Parece-me que estou apaixonado por ela! Quero saber se os nossos destinos se encontram e se seremos felizes.



O astrólogo curvou-se numa reverência. Dirigiu-se logo ao altíssimo terraço do castelo, onde tinha os seus aparelhos de trabalho. Estudou conscienciosamente os astros e neles viu o futuro da senhora. Apresentou-se então ao rei e falou assim:

— Real senhor: é com a maior má-gua que vos vou relatar o que nos astros li. A dama que vos interessa, senhor, morrerá dentro de oito dias...

— Que me dizes, miserável! — gritou o rei, colérico, avançando para o astrólogo, como se quisesse bater-lhe.

Mas o homem não se amedrontou. Levantou a cabeça e respondeu com firmeza:

— A verdade, senhor. Não quero enganar-vos!...

O rei caiu em si e replicou:

— Está bem. Vai-te embora... Daqui a oito dias, veremos se falas verdade ou não...

Oito dias depois morria a dama, como o astrólogo predisse. O rei ficou furioso. E logo resolveu a morte do sábio.

Chamou três dos seus criados e ordenou-lhes:

— Ide buscar o astrólogo, um grande saco, linhas e agulhas. Quando ele estiver a falar comigo, far-vos-ei um sinal. Imediatamente agarrareis o sábio, metê-lo-eis no saco e, depois de o coserdes, lança-lo-eis ao mar.

Vieramosábio, o saco, as agulhas e linhas. Então o rei, com o seu melhor sorriso, dirigiu-se ao adivinho:

— Já que és tão esperto e sabes ler



tão bem o destino dos outros, dize lá, imediatamente, quanto tempo tens ainda...

— Senhor — replicou o homem — as estrelas disseram-me que morreria três dias antes de Vossa Majestade...

Escusado seria acrescentar que o rei já não deu o sinal.

E, daí em diante, o astrólogo foi tratado com tanto carinho e tantos cuidados, que chegou a velho sem nunca sequer se constipar...

Hein? Que dizem vocês à esperanza do sábio?